

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre	500 réis
Com estampilha	600 »
Fôra do reino accresce o porte do correio avulso	20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar

Impressão e composição — **TYPOGRAPHIA PENINSULAR**
Rua de S. Chrispim, 18 a 28 — PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal.	60 rs. cada linha
Annuncios e communicados.	50 »
Repetições	25 »
Annuncios permanentes, contracto especial	25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

A VERDADEIRA LIBERDADE POLITICA

(Segundo Laboulaye)

As liberdades politicas mudam com as nações e os tempos.

Nem sempre são precisas as mesmas garantias—a defeza varia com o ataque.

Com magistraturas electivas, annuaes, responsaveis, a intervenção e o voto dos tribunos, com a tribuna sempre franca no *Forum* os romanos protegiam a liberdade tão energicamente como as constituições modernas—chegavam ao mesmo fim por outros meios.

Nos nossos dias para darmos outro exemplo é na imprensa que está a suprema garantia de todas as liberdades.

Cada manhan ella faz comparecer perante o paiz inteiro os membros das camaras, os magistrados, e os administradores.

Na nossa epocha o poder é a opinião, hoje soberanos e representantes são apenas mandatarios. O segredo de reinar consiste em ouvir a voz publica, que não se despresia impunemente.

Eis ahi uma nova força, que transforma as relações entre governantes e governados, da mesma sorte, que o vapor, supprimindo as distancias, aboliu as fronteiras, e alterou as relações entre os povos.

D'ambos os lados é uma revolução, feita em proveito do maior numero, é o advento da democracia.

Inutil se torna o insistir sobre uma verdade tão evidente—mas cada geração cria um ideal, que desaparece com ella e de que as instituições politicas sejam o elemento mobil da civilização não pode duvidar-se, verdade é, que na historia se acha escripta em caracteres indeleveis, todavia convem não exagerar-a.

Se é certo cada secu!o comprehender a seu modo o problema politico, não o é não terem os povos da mesma origem, e no mesmo grau de civilização, as mesmas necessidades e não estarem aptos ao goso dos mesmos direitos.

Exagerar as diferenças nacionaes não tem sido muitas vezes senão um sophisma habil para negar-lhes as suas justas pretensões, e com estes sophismas a França soffreu mais que nenhum outro paiz do continente.

Os nossos maiores foram os primeiros a reconhecer, que era preciso harmonisar as constituições com as novas sociedades, ou com o temperamento dos povos—mas prejudicaram esta idea justa exagerando as diferenças entre elles, e despresando a experiencia—convencidos, de que a razão podia inventar as instituições necessarias, e que bastava um decreto para regenerar trinta milhões d'homens.

Nada imitar dos inglezes, construir um edificio politico, inteiramente novo, que não se parecesse com nenhum conhecido, foi a chimera dos constituintes de 1789. Assim por desprezo da Inglaterra repelliram as duas camaras, sem

attenderem, a que esta divisão da legislatura conservada pelos demócratas americanos, era uma necessidade de todos os tempos.

Entregar a um homem, ou a uma só assembléa um poder sem limites e sem responsabilidade, é em ambos casos o despotismo.

Mas o mais intoleravel de todos os despotismos será sempre o de uma camara unica, porque paralysa o governo, e domina o povo, favorece a anarchia, e o poder arbitrario.

Oserros da *Constituante* não esclareceram a *Convenção*—e a mesma vaidade legislativa, que perdeu a França em 1789 e 1793, perdeu a republica de 1848.

Hoje é entre os conservadores que se encontra o desdem das instituições estrangeiras—Accusa-se o parlamentarismo, isto é, a influencia das camaras nos negocios publicos—chega-se a dizer, que o governo do paiz pelo paiz não era a gloria da civilização moderna, mas um mero accidente da historia nacional—que nada era mais fatal ás velhas raças latinas—o que estas precisam é de unidade—d'um chefe energico e absoluto, da centralisação, que só pode conter os meridiaes apaixonados e turbulentos.

E' uma theoria engenhosa, e que se presta a bellas variações n'um jornal, mas que só indica a fatuidade, com que se não attende á experiencia.

Não chegaria ainda o tempo de se crer que é homogenea a civilização da velha Europa, que não é razoavel inventar um regimen politico exclusivamente francez, como seria insensato inventar uma industria exclusivamente franceza regeitando tudo o que a experiencia ensinou aos inglezes e aos americanos?

Se a industria não tem patria, igualmente a não tem a liberdade.

(Continua.)

Laboulaye.

THIERS

Como historiador e Homem d'Estado

IX

Quando o Mr. Thiers assumiu a direcção suprema dos negocios da França, o imperio estava em absoluto descredito, todas as classes impressionadas com o desfecho da politica bonapartista: una execração geral acompanhava Napoleão III ao exilio; tornava-se bem visivel o odio dos governos europeus ao ex-imperador; e o seu partido annullado e condemnado na opinião da França e da Europa não tinha uma esperanza de sobreviver-lhe.

Então esse elemento neutro, mas poderoso, a massa enorme dos indifferentes, sem ideias nem convicções politicas, que tanto pertence á monarchia como á republica, que nas crises se recolhe e não se manifesta e por isso faz sentir todas as previsões apparecendo depois ao lado de quem lhe prometta algum socego e estabilidade, receioso das vaidades do cesarismo dominado pela mania aventureira da guerra, dar-se-

hia á republica acabando de ter o terrivel desengano de que os sabres de um governo pessoal e arbitrario não valem tanto para a ordem e os interesses reaes como o bom juizo de uma nação que se governa por si mesma sob uma forma qualquer, na qual imponha a sua vontade e dirija os seus destinos.

Emquanto a mim é esse elemento o que deve merecer a maior attenção do estadista ou de um chefe politico para não arriscar um acto que possa alheal-o de si ou do seu partido.

Ora Mr. Thiers espaçando, prolongando o estado provisorio, e por outros motivos que já expozemos, fez perder á republica, conservadora ou progressiva, a immediata adhesão d'esse elemento numeroso.

Estando, por culpa do snr. Thiers, constituido e fortalecido um governo adverso, para derrubar o qual é precisa uma revolução, uma lucta perigosa, aquelle elemento se unirá ao governo para obstar á revolução, que teme, e julgando evital-a apoiará o restabelecimento da monarchia.

E ainda não está definitivamente ligado ao poder, se o republicanos ainda o não perderam, é porque estes tem mostrado uma prudencia exemplar, um espirito de ordem admiravel, uma moderação que ninguem lhes suppunha. Assim a tactica dos seus adversarios tem sido provocal-os porque ao mais pequeno symptoma de revolta se lhes offerece a occasião idonea ao golpe d'estado ha muito apetecido.

Demais a situação monarchica é ainda indecisa, divergente, heterogenea, e não affiança a ordem, mas signfica uma lucta se fôrem mais além do *estátuquo*. As ultimas eleições denunciam a força e a generalidade dos sentimentos democraticos. De ambos os lados crescem obstaculos. D'ahi o equilibrio e o empate.

E continuando os republicanos como se ajuisa da sua conducta, esta politica expectativa, moderada, até paciente, e a invergonharem o snr. Thiers que na tribuna os chamou—*loucos furiosos*,—irão ganhando mais convicções reflectidas e fortalecendo-se moralmente.

X

Eisahi o que resulta da queda do imperio e do governo do snr. Thiers. Emquanto aos serviços que o ex-presidente presta ao seu paiz desde 1870 a 1872 é costume amplificar-os com o pomposo nome de—reorganisação da França: mas em criar impostos e reconstituir o exercito não fez mais do que continuar as funcções ordinarias dos ministerios. Foi sem duvida um trabalho excessivo para a sua idade, em que manifestou mais uma vez a sua experiencia e variados conhecimentos. Pagou a enorme contribuição de guerra, como a pagaria um outro que estivesse em seu lugar. A França ficou vencida,—mas não desorganizada, nem arruinada. Aberta a subscrição para o emprestimo, foi este coberto quatorze vezes em poucos dias. Não se deve por conseguinte a grandes e profundas combinações do snr. Thiers a solução d'este negocio, pois não

havia tempo para ellas: foi a riqueza da França a garantia d'essas sommas exorbitantes, que não seriam pagas pelo mesmo governo, e não a respeitabilidade do chefe, que por maior que fosse não era sufficiente garantia. Os banqueiros intendem bem os seus negocios, e sabem que as praças são solidarias e influem umas nas outras: uma crise monetaria em França iria reflectir-se principalmente n'aquelles paizes em quem se acha mais relacionado o seu commercio: e foi isto o que elles quizeram prevenir contribuindo todos para essa operação financeira, mesmo os estrangeiros, e entre estes muitos allemães.

XI

Dizia-se tambem que a França e a assembléa estavam aos pés do ex-presidente. Para sabermos o que vale esta asserção, basta lembrar o que se passou entre a maioria e o conde d'Arnim. Quando Thiers s'esforçava, já tarde, em obter da assembléa o estabelecimento da republica definitiva, perguntou o embaixador a Birmark se convinha á politica allemã tramar a queda do presidente: Bismark respondeu que deixasse em socego a republica: não agradou isto ao enviado de Berlim, que começou a intrigar, com a aristocracia da sua corte, e com a maioria da assembléa franceza, a qual se dispoz a fazer cahir o snr. Thiers, se de Berlim lhe viesse a segurança de que esse acto não traria complicações diplomaticas á situação que ia succeder-lhe: sabida que foi a resposta, o snr. Thiers teve que resignar a presidencia.

Ora eis ahi no que consistia essa superioridade á qual a assembléa parecia tão submissa.

Pertence o snr. Thiers ao partido das ficções constitucionaes, onde os chefes exercem sob a forma representativa, que sophismam um poder arbitrario, voluntarioso e intransigente, disfarçam nos pretextos da razão d'estado os interesses, as vinganças, e os fins das ambições pessoais, e transformam a soberania popular em absolutismo, como a velha realza transformava o direito divino.

XII

Os corypheos d'este systema em França são: Robespierre, o mestre: Napoleão, o seu discipulo e admirador, a quem muito agradou a tactica do jacobino, e como estes igualmente hypocrita em umas phrases soltas, reproduzidas a esmo da linguagem de 93, de um lyrismo emphatico, e sem sombra de principios ou de convicções, com que ainda quiz illudir o mundo no Memorial de Santa-Helena dictado aos dois piegas, Las-Casas e O-meara, e por elles envolvido n'uma rethorica de aduladores, que umas vezes injoa, outras faz rir: Luiz Philippe em certa epocha do seu reinado, e com alguns dos seus ministros como Casemiro Perier: Napoleão III: e finalmente o mesmo snr. Thiers, o mais talentoso, o menos forte de caracter, e o mais facil em se amoldar a situações diferentes para seduzir a popularidade.

Não nos esqueçamos tambem

de que o ex-presidente votou e defendeu com calor em 1835 as terribes leis de setembro. (Chevalet, *Historia Moderna*, pag. 317.)

Viciando o systema representativo, a tactica d'estes sophistas, quando moderados, cifra-se em tornar predominante uma certa classe, a qual comprehende uma grande parte da burguezia, os que não teem partido, e os que pertencem a todos, e em troca d'esse dominio fazel-a bem dependente e subordinada: para esse fim ageitando a lei eleitoral de modo que as grandes maiorias se componham dos seus representantes, como esta classe não precisa de reformas, as consequencias de um tal systema são a immobilisação e o desespero de todas as outras: d'ahi as revoluções. A esta habilidade juntam algumas vezes o terror, como em 1871 os fusilamentos dos comunistas em Paris, e as metralhadas de Leão em 1834.

E' o snr. Thiers um d'estes roués que sabem a mechanica politica, os artificios e habilidade da arte de governar, mas que são indifferentes á indole das ideias, e ao espirito dos systemas.

Porque razão é o snr. Thiers desde 1871 um republicano convencido e declarado e não o era dois annos antes? Acaso em tão pouco tempo mudaram as condições da sociedade franceza? Não conhecia elle o estado dos espiritos? Eram tão confusas e complicadas as situações dos partidos, tão incerto o mais conveniente ao bem estar da França que o velho estadista, vivendo sempre no ambiente politico, só pôde mudar conscientemente de opinião em 1872? E' singular esta sua tardia metamorphose, esta adhesão a uma causa cujo processo, como bom juiz, ha muito que devera ter julgado!

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

LITTERATURA

O MAR

Dizem que o mar é bonito!
Pode ser... eu acredito
Que falle de boa fé
D'essas bellas tamanhas,
Quem não lhe conhece as manhas,
Quem não sabe o que el e é.
Mas quem tenha percorrido,
Cruzado em todo o sentido
A liquida vastidão,
Dirá com toda a razão
Aquillo mesmo que eu creio,
Que não pode haver no mundo
Nada que seja mais feio,
Que o tal pelago profundo!
E' vasto, dizem;... decerto...
Mas ninguem chama ao deserto
Bonito, por ser extenso,
E n'este deserto immenso
Passa-se um dia, outro dia,
Passam-se dias sem conto,
Na eterna monotonia
De não haver um só ponto
Onde a vista repousar;
E não tem sombra de graça
Que a gente por mais que faça,
Veja apenas ceu e mar!
E' calmo, dizem;... conforme!...
Mas ser assim uniforme
Não é belleza tambem,
E quando do ceu não vem

Algun bafó desgarrado
Que lhe quebra a indolencia,
Perde a gente a paciência,
E pede que venha vento,
Que dê vida e movimento
A'quelle lago estagnado!
E se elle vem finalmente,
Mais ás vezes do que a gente
Tinha pedido, é então
Que e ver tudo sacudido
No dorso do vagalhão!
Mas dizem: . . . que magestade
A furia da tempestade,
Ao oceano vem dar!
Como é bello e magestoso
Esse aspecto temeroso
Das grandes ondas do mar!
E' magestoso?! . . . que diga
Quem já sentiu a fadiga
D'um dia de temporal,
Se teve tempo e vontade
De pensar na magestade,
Ou de encontrar formosura
Na medonha catadura
D'esse elemento brutal?!
Se em vez de se extasiar,
Não cobriu de maldições
As negras ondas do mar,
A furia dos vagalhões?!
Mas ha ainda as bellezas,
E' consta que são infindas,
Que o fundo do mar encerra;
Occultas nas profundezas.
São ellas lindas. . . tão lindas,
Como não ha sobre a terra!
Eu quero crer que assim seja,
Pena é que se não veja
Tanta belleza escondida;
Que os tristes olhos sem vida
Dos que descem lentamente,
Não hão-de ser deslumbrados
Pelo aspecto sorridente
Dos taes fundos encantados!
Que importa, pois, que o coral,
Ou as perolas mais finas,
Abundem n'essas campinas
Sob o liquido crystal,
Se não ha ninguem que visse,
Largando o fundo do mar,
Virem perolas boiar,
Ou coraes, á superficie?
Quem viu, pois, as maravilhas,
Que dizem ser aos milhares,
Da base occulta das ilhas
No fundo occulto dos mares?
Que valem coisas tão bellas,
Saiba-se embora onde estão,
Se os mortos não pôdem vê-las
Se os vivos nunca lá vão!

.....
A velha mythologia
Fez um mar de phantasia,
Encheu o mar de illusões,
Descreveu-lhe as coisas feias
Chamando a umas serreas,
Chamando ás outras tritões;
Mas n'essa formosa lenda
Supponho que ha quem entenda
Que se deve acreditar,
E piamente acredite
Que anda por lá Amphitrite,
E que a Venus, que é tão linda,
Como outr'ora se ainda
Da branca espuma do mar!
Não pensa, velho enrugado,

Que'n sympathisa contigo,
Que tu és um inimigo,
E que a somma de agonias,
Sobreleva ás alegrias,
Que o mar ao homem tem dado!
Uma coisa, e uma apenas,
Faz esquecer tantas penas,
Que ao homem tu dêste já;
E' que elle, sobre os abysmos,
Fez theatros de heroismos
Como na terra não hal
Não é pois o attractivo
D'uma belleza fingida
Que faz arriscar a vida
Nos transes do teu furor;
Mas sabes tu, velho mar,
O verdadeiro motivo
Porque o homem te procura,
E te ha-de sempre buscar?
E' que lhe dê mais valor,
E lhe augmentas a estatura,
Quando lhe fazes pensar,
Que é grande, se tu és grande,
Quem te domou. . . velho mar!

Clestinio Soares.

A' gandaia

Os senhores desculpem; mas
ainda hoje lhes vou fallar no des-
terrado da Povoia de Lanhoso—o
João Cégo, que cá em Ovar ficou
conhecido por *João Franco*.
Mas que raio de massadôr nos
sahiú este Gil-Braz?—dirão os lei-
tores. Não é bem assim, meus
amigos. O João Cégo tem o direi-
to a que se lhe dedique mais uma
chronica. Por ventura as gazetas
existem sómente para dizer que
A. fez annos, que B. regressou da
praia de tal, que C. passa incom-
modado de saude, que D. partiu
para Lisboa ou que X. voltou do
Pará?
Parece-me que não, que a mis-
são da imprensa é mais nobre e
alevantada. Por isso mesmo o des-
terrado João Cégo, ou João Fran-
co, terá hoje *chronica*.
E sabem porquê? Porque o ho-
mem já ahí não está. Recebeu
guia de marcha e lá foi como uma
setta despedida do arco—a cami-
nho da sua velha choupana. Aca-
bou, para elle, o martyrio do des-
terro. Merece *chronica*, assim co-
mo pela mesma razão, qualquer
pessoa que tira passaporte para a
outra Vida, lá vêm os gaseteiros,
todos lépidos, a escrever-lhe o ne-
crologio. Elles podiam ter sido uns
refinadissimos patifes, uns intru-
jões, uns verdadeiros mariolas.
Mas quê? Ainda o coveiro não
tem lançado a ultima pásada de
terra sobre a sua sepultura, já o
jornal lhe publica o necrologio, bem
florido, com quatro phrases bombas-
ticas, a onde se lêem os nomes
mais lindos, que em vida lhe ne-
garam! Mas o *caso* tem facil ex-

pliação: ou era assignante da ga-
seta, ou tinha, na familia, pessoa
que, assignava.

Pois o João Cégo, apesar de não
ser assignante; tambem ha-de ter
chronica. O'lé!

João Franco, o *desterrado*, aban-
donou-nos. Recebeu *alta* no dia
10 e lá se foi para a terra natal!
Expiada a pena, não quiz por
mais um momento aquecer-se ao
sol-vareiro. E achando-se livre,
como a aguia, prega a pirraça de
deixar Ovar na vespera de S.
Martinho!

Elle, o *desterrado*, que tinha
vindo para aqui, cumprir pena
pelo crime de embriaguez, aban-
nona a eleição, covardemente.

Fugio na vespera de lucta, pre-
cisamente no momento em que os
*influente*s faziam cálculos sobre a
votação certa e infalível. Que mo-
tivos levaram João Cégo a aban-
donar o campo da batalha? Acaso
veria ella perdido a eleição, e re-
jeitando uma derrota vergonhosis-
sima, apressou-se a regressar ao
patrio ninho?

Que ideia accudiria ao seu es-
pirito para assim proceder?
Não sabemos.

Mas elle, quando ia d'abalada
para a sua terra, *conferenciou*
com alguns dos seus eleitores, e
a estes—segundo nos contaram—
fez a confidencia de que abando-
nava a eleição porque . . . estava
irremediavelmente perdida.

Pois quê? João Cégo ia capitu-
lar sem honra e sem brio?

Elle, que era portador d'um al-
vará de folha corrida, que só isso
lhe bastava para dar uma grande
maioria, desiste? Não podia ser.

Ou João Franco era um em-
busteiro, ou um traidor.

Galopinou durante seis mezes
por essa villa-fóra, e, conseguiu
mais adeptos do que o João Fran-
co legitmo na Assembleia d'Al-
cantara. E depois, o alvará, aquelle
famoso alvará que era o seu
melhor titulo de *gloria* e de guer-
rilheiro. . .

Nada! Por certo, houve traição.
João Cégo, *á ultima hora*, tinha-
nos sahido um traidor pífo e ré-
les.

E essa má impressão não se
tinha afugentado ainda do nosso
espirito, quando um eleitor firme
do *desterrado*, afirmou em publi-
co: O João Franco, nosso chefe,
não disputou a eleição, porque a
perdia. Andou ainda na vespera
da partida, a dar os ultimos *as-
salties* á sua gente.

Encontrou uns, fleis, inabala-
veis, *frankistas* d'alma e coração;
outros, amuados, desculpendo-se:

eram os *amarellos*. João Cégo pas-
sa em revista as suas forças. As
assembleias do nascente (Luzio),
norte (Ventura) e poente (Mala-
quias) davam uma maioria gran-
de. Mas a do sul (Cazal) era adver-
sa. João Franco não podia contar
com ella que votaria contra, de
chápa.

E era tal a sua força, que es-
magava a votação das tres as-
sembleias restantes. Por isso, João
Cégo não accitou a lucta, ante-
vendo uma derróta, e fez bem. Pedeu
alta, e foi, a toda a prèssa, ver se
accudia á eleição da Povoia do La-
nhoso.

Com Ovar, não podia elle con-
tar. Era uma derrota em toda a
linha!!

.. E o leitor *frankista* que
foi despedir-se do chefe á estação
do caminho de ferro, accrescentou
que ao João Cégo, ao ouvir o sil-
vo agudo da locomotiva, arrasa-
ram-se-lhe os olhos d'agua exclam-
mando: Eu não, fugia como um
covarde, não mas aquella maldi-
ta *assembleia* do Cazal. . . trans-
tornou todos os meus planos.

Esta fuga, não obstante ter uma
justificação que convence, a nosso
vêr, foi a unica mancha que su-
jou o alvará do pobre João Cégo!

Gil-Braz.

EM JUSTA DEREZA

(A lenda d'uma apostasia. . .
politica)

Parece que ainda não estou em
mim! . . .

Li os dois primeiros capitulos
do livro aberto pelo sr. conselhei-
ro para nelle escrever a «historia»
da minha apostasia politica e ve-
rifiquei, como tola a gente que s.
Ex.* se apresentou alli aprumado
e cortez; mas não virei a folha e
e por isso não vê a porcaria que
vinha no reverso. . . Foi preciso
que pessoa amiga chamasse a
minha attenção para o caso para
eu o fazer!

Cahi das nuvens! Que homem
este, disse com os meus botões;
acaba todo líro, todo palido em
mim como um homem que se presa;
aqui. . . parece um fadistão que
pela calada da noite tenta ferir o
viandante. . .

E que devo eu com tal caso
fazer? O que faz toda a gente a
quem isso acontece.

Por-me em guarda e procurar
não ajustar o bandullo aos seus
golpes, mas desarmal-o.

No entanto é preciso confessar
que o caso é symptomatico. . . reve-

lador da nobreza d'alma do nosso
homem, na sua alta *craveira mo-
ral*, da sua lealdade e probidade
jornalistica. . . Lá isso é.

Realmente espantou-me um tal
procedimento!

Um homem formado e demais a
mais conselheiro a proceder as-
sim. . .

Só se os artigos da tal historia,
lendo ao romance são escriptos
antes de jantar e os outros depois. . .

A não ser isso confesso que não
sei explicar o caso.

Admiro-me no entanto que S.
Ex.* não se lembrasse do que
disse a si e a sua posição social e
enveredasse por tal caminho!

Sr. conselheiro, repare no abys-
mo que se lhe cava aos pés! Veja
que tão mal lhe fica estar a fazer-
me fogo por detraz de *maraus*, de
maraus tão conhecidos por estas
redondezas, de *maraus*. . . os in-
sultadores de toda a gente honesta
e seria duma freguezia (e quem
sabe se pela mão de V. Ex.* por-
que V. Ex.* e elle confessou que a
paternidade de taes escriptos lhe
pertencem! Prah *pedor*!)

V. Ex.* de braço dado com
maraus e, o que é mais, a que-
rer mostrar-se com tão honrosa
companhia ás galerias onde se
encontram os homens de bem.

Por Deus, senhor conselheiro,
recue e enquanto é tempo!

Mas. . . dar-se-ha o caso de V.
Ex.* os não conhecer?

Ah! não o creio! Mas se os não
conhece. . . venha a Cortegaça, vá
a Villa Nova de Gaya, e ouça as
pessoas que os conhecem. . .

Mas desde já lhe posso eu di-
zer isto: essa camaradagem não
o honra e por isso mande-a á fa-
va. . .

Olhe que quem acompanha com
maraus. . .

O dictado é velho, mas é pro-
fundamente verdadeiro e fatal. . .

Por tanto. . . afaste-se do er-
rado caminho por onde vai, reto-
me a sua casaca conselheiral. . .
vá para junto dos homens de
bem.

Assim sim, que em camisa de
manga arregassada e de navalha
em punho. . . isso é feio depriva-
mente.

Deixe pois o seu feitio leifron-
te.

Atira-me, mas de viseira ergui-
da, frente a frente.

Largue de mão os *maraus*
quejandos manequins que não são
armas de que possa usar uma pes-
soa que se prese.

E. . . acabe lá com. . . o ro-
mance da minha apostasia para
eu depois lh'o escapellisar.

No entanto faça-o sem cyri-
neus nem *maraus*!

N'estes aconselhe-os a larga-
rem o rabeção e a irem fazer pi-

FOLHETIM

O PECCININO

Ou

O Bandido Nobre

Por

GEORGE SAND

A casa formigava de operarios
que trabalhavam ha quinze dias
na sala de baile sob a direcção do
mordomo Barbagallo, perito n'esa
profissão, e sob a influencia
muito preponderante do mestre
Pedro Angelo Lavaratori, cujo gos-
to e habilidade eram reconhecidos
e justamente apreciads pelos seus
conterraneos.

No primeiro dia, Miguel, fiel á
sua palavra, e resignado com o
destino, fez grinaldas e arabescos
com seu pai e os demais aprendi-
zes que este chamara para os
coadjuvar. Não passou d'este dia
a sua tarefa como simples opera-
rio; logo no immediato Pedro lhe
annuncia que a princeza lhe con-
fiava o trabalho de pintar figuras
allegoricas no tecto e pela telas das
paredes pertencentes ao salão. En-
tregavam ao seu gosto a preferen-
cia e as dimensões dos assumptos;

forneciam-lhe todos os materiaes;
pediam-lhe unicamente que se de-
sembaraçasse e tivesse confiança
em si mesmo.

Esta obra não exigia nem
grandes attentões, nem o bem aca-
bado ou o mais perfeito; abria
porem, caminho á sua imagi-
nação; e quando se viu de posse
d'esta vasta incumbencia onde li-
vremmente podia phantasiar teve
uns intantes de puro arroubamen-
to, e enlevou-se mais do que nun-
ca do seu destino de artista.

O que veio acabar de entusias-
mal-o por esta tarefa foi, o partici-
pá-lhe a princeza, por interme-
dio de seu pai que, se a sua com-
posição fosse simplesmente soffri-
vel, ella daria por soldada a quan-
tia de que Pedro lhe era devedor;
e se merecesse as encomios dos
mestres seria remunerada com o
dobro.

D'este modo iria Miguel de
certo tornar-se independente, e
talvez ser rico, ainda que mais
não fosse senão por um anno, se
desse provas do seu talento.

Um unico terror, esse enorme,
veio entibiar a sua alegria: Estava
fixo o dia da recepção e não esta-
va na alçada da princeza addial-o.
Apenas oito dias lhe restavam,
nada mais que oito dias! Para um
decorador exercitado mais não lhe
seriam necessarios, mas para Mi-
guel, que n'este genero nada ain-
da fizera em ponto gran e e que

não podia negar o leval-o a isso
um sensível amar proprio, era tão
pouco, que de tal se lembrar um
suar frio lhe humedecia a fronte.

Nesta conjuntura poderosa-
mente o auxiliou o haver na in-
fancia acompanhado seu pai no
trabalho e o ter assistido depois
ás deluções das substancias em-
pregados, cujos processos se lhe
tornaram familiares e bem assim
a geometria dos ornamentos.
Eram, porém, tantos os assumptos
que phantasiava, era tão prodiga
a sua imaginação, que o deter-
minar-se por um, era-lhe motivo
de grande tortura. Passa duas
noites a desenhar as suas compo-
sições, e todo o dia no estrado a
adaptal-as ao local. Não pensava
em dormir, em comer, nem mes-
mo em reatar os demorados collo-
quios com sua irmã, sem resolver
definitivamente qual o assumpto
da sua obra.

Escolhido que foi de vez se di-
rigiu logo ao meio do parque, onde
a sua tela, azul celeste, com cem
palmos de estensão, se achava
estendida pelo atrio d'uma antiga
e arruinada capella.

Ahí, ajudado por alguns e bons
aprendizes que lhe apresentavam
as tintas taes como deviam ser
applicadas, pedia ás musas que
dessem á sua mão tremula a ex-
periencia e o saber precisos. Aca-
bada a invocação, e armado final-
mente d'un gigantesco pincel, que

milhor se poderia qualificar de
vassoura, esboçou o seu Olympo,
e trabalhou com tanta actividade
e esperança, que dois dias antes
da festa as telas se achavam
promptas.

Teve de assistir ao trabalho de
as adaptar para as corrigir nos
pontos infallivelmente deteriorados
por esta operação.

Tambem teve de ajudar seu
pai, que, atrasado para o attender
ainda tinha por ajustar muitas
bordaduras do tecto e cornijas.

Para Miguel, passaram-se qual
um sonho estes oito dias, e os
poucos instantes de repouso que
a si permite pareceram-lhe deli-
ciosos. Era admiravel a casa de
campo, tanto no interior como por
fóra. Os jardins e o parque da-
vam uma idéa do paraíso terreal.
A natureza é tão fecunda n'esta
região, as flores tão bellas e sua-
ves, a vegetação tão esplendida,
as agoas tão crystallinas e cor-
rentes que a arte pouco tem que
fazer para crear delicias á volta
do palacio; Não obstante, aqui e
alem blocos de lava e planicies de
cinzas offerecem a imagm da
desoluição a par do Elysio. Mas
estes horrores augmentam o en-
canto dos *oasis* que os fogos vul-
canicos pouparam.

O edificio situado a meio d'uma
collina que apresentava o seu vul-
to ás invasões do Etna permanen-
cia, ha seculos incolume dos con-

tinuas desastres que podera con-
templar tranquillamente.

O palacio era muito antigo e
d'uma architectura elegante ao
gosto serraceno. A sala de baile
que abrangia agora o primeiro an-
dar fazia um singular contraste
com as cores escuras e os orna-
mentos severos dos andares su-
periores.

No interior, mais frisante ain-
da era o constraste. Enquanto
que tudo era ruido e confusão
n'aquelle, era tudo socego, ordem
e mysterio no mais elevado que a
princeza habitava.

Miguel entrava n'esta parte re-
servada, a hora das refeições por
lhe ter sido destinada, como uma
graciosidade especial, a peque-
na dispensa envidraçada, onde
comera no primeiro dia com seu
pai.

Elles estavam ahí sempre sós,
e se a cortina voltou a agitar se
foi de modo tão imperceptível que
Miguel não pôde ter a certeza de
haver inspirado uma paixão ro-
manesca á senhora primeira cam-
marista.

O palacio encostava-se a ro-
cha; os aposentos da princeza fi-
cavam ao nivel das terracos en-
feitados com flores e repuxos e
quem descesse uma escada estreita
talhada na encosta ia ter ao
parque á compina.

(Continua).

Clara de Miranda,

nos, ou antes alargarem a pena e a empunharem o malho.

Creia que lhes faz um grande bem porque o malho dá-lhes pão para elles e para as familias e a pena pode dar-lhes alguns amargos de bocca sr. conselheiro, *noblesse e oblige*.

P.º Lima

Visita

Estiveram em Ovar na 4.ª feira a Ex.ª Sr.ª Baroneza do Cardoso e seu filho o sr. Barão do mesmo titulo, e tenente d'engenheiros, ha pouco chegado de Macau, onde fez uma brilhante figura, merecendo os elogios officiaes, e sendo até condecorado pelos seus serviços n'aquella cidade...

Emquanto a seu pai, o nosso administrador do concelho, já Ovar sabe pela sua moderação, bom senso, intelligencia, e desejo de ser justo, quanto é digno de ser auctoridade.

Nem outra cousa era d'esperar do sr. Barão do Cardoso, já assim reputado n'outros logares, que exerceu, de escriptor distincto, cujos romances um excellent critico o sr. Pinheiro Chagas, altamente encareceu ao *Jornal da Manhã*.

E' tambem esse o nosso conceito.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

NOTICIARIO

TEMPO

Depois d'uma quadra invernosissima, que parecia nunca finalizar, eis que entrou o dia de S. Martinho, e que n'esse mesmo dia começou o seu verão.

E, assim, temos gosado um tempo esplendido, de sol brilhante e quente, e noutes de magnifico luar, comquanto um pouco frescas.

Esperava-mos o verão de S. Martinho com a mesma ancia com que esperamos outras cousas; mas o milagroso santo não quiz que se prolongasse mais o mau tempo e, portanto, no seu dia, fello voltar á normalidade.

Outro tanto não pen-a o sr. Conselheiro João Franco, a não ser que elle tambem espere o dia de S. João para restabelecer a normalidade Constitucional.

Mas, deixemo-nos, agora, da politica, e vamos ao S. Martinho. —Correu admiravelmente e na melhor ordem o acto eleitoral em todas as assembleias, d'esta villa.

Nós ganhamos a eleição, como dissémos, pelo nosso circulo, apesar de nos faltarem alguns votos; e tambem houve, como ha em eleições para deputado ou municipios, quem votasse, de contra vontade, por outras pessoas que se propunham para *juizes*.

Houve discursos e o diabo a quatro; mas, para outro anno, é de suppôr que a eleição corra muito melhor de que correu, apesar de não haver nada que desgostasse os eleitores, na eleição d'este anno.

PESCA

Tem havido trabalho de pesca na Costa do Furadouro, mas o seu producto tem sido insignificante, Mau, mau!...

Na 4.ª feira é lua cheia. Agora o que se pretende saber é de quê; de alegria ou de tristeza?

A nossa opinião é que hade ser d'uma cousa para uns, e d'outra para outros.

Que não seja de tristeza para nós, é esse o nosso maior desejo, pelo qual fazemos desde já os maiores e mais sinceros votos.

Phenomeno astronomico

No dia 14, deu-se, como estava anunciado, o phenomeno astronomico, que consistia na passagem do planeta Mercurio por deante do sol, mas que não poude ser devidamente observado.

Entrevista

Passagens da entrevista de S. M. El-rei D. Carlos I, com o redactor do «Tempo», de Pariz, *monsieur* Joseph Galtier, ácerca da actual situação politica em Portugal:

«Ao contrario das intenções que me attribuem, desejo mantel-o (ao João Franco), e estou muito satisfeito com elle.

Restabeleceremos o equilibrio orçamental. Estinguiremos o «deficit.» Em todos os paizes para se fazer a revolução é preciso contar com o exercito; ora o exercito portuguez está submettido á constituição, e fiel ao seu rei.

Continuará lealmente ao meu lado. A maior parte dos officiaes são meus camaradas, servi com elles, conhece-me, não tenho a minina duvida a respeito da sua dedicação.

Ora toma...

Dr. Alves Moreira

Esteve, na segunda-feira, n'esta villa, o sr. dr. Gaspar Alves Moreira, distincto advogado nos auditorios da comarca da Feira.

Consta que o governo fará eleições em Janeiro.

Não precisa fazel-as, e quem quizer que advinhe a razão porque.

No dia 15 de Novembro de 1889 foi proclamada a republica no Brazil, pelo que a colonia Brazileira em Portugal, festejou, com enthusiasmo, o anniversario do advento da republica no seu paiz

NECROLOGIA

Falleceu, na manhã do dia 15 do corrente, o sr. dr. Seraphim d'Oliveira Cardozo Baldaya, distincto advogado e conservador, n'esta comarca.

Enviamos á familia enlutada o nosso cartão de sentidas condolencia.

Devido á melhoria do tempo as colheitas estão quasi concluidas.

Em Agramonte, Hespanha, os pescadores estão muito excitados, pela razão de os terem prohibido de pescar nas aguas portuguezas, sob a pena de pesadas multas.

O povo amotinou-se e invadiu a fronteira, entrando na cidade, havendo collisões entre este e os carabineiros.

FURTO

Em um dos dias de semana finda, umas mulheres da Freguezia d'Arada, d'este concelho, passando na freguezia de S. Vicente, tambem d'este concelho, pediram dormida em casa do senhor Antonio Marques da Silva Terra, importante lavrador, do logar da Relva, que promptamente a concedeu, e as mulhersinhas corresponderam á generosidade do sr. Terra, furtando-lhe na manhã do dia seguinte alguns objectos de valor, aproveitando-se para isso, da occasião em que o sr. Terra e sua familia tinham sahido de casa.

O facto foi participado na administração d'este concelho.

O agio das libras tem subido consideravelmente.

JULGAMENTO

Responderam em audiencia de policia correccional no dia 14 do corrente, no tribunal d'este juizo, os srs. Antonio José d'Oliveira Cadete, João Gomes dos Santos Regueira, Abel Guedes de Pinho e Antonio Augusto Ferreira Dias, d'esta villa.

Foram absolvidos por insufficiencia de prova.

D'aqui por trinta e nove dias é o dia de Natal, faltando, portanto vinte oito dias para a consoada.

Caminho de ferro do Valle do Vouga

Vão principiar brevemente os trabalhos para construcção d'esta linha.

Na repartição da receita eventual, foi descoberto um importante desfalque na importancia de seis contos de reis.

Foram presos alguns empregados da referida repartição.

Feira de cevados

Realisou-se no domingo preterito, no largo da Estação, a primeira feira de cevados, correndo o preço da arroba entre 3 800 e 4:000 reis.

O incidente motivado pela delimitação de fronteiras no Peru está resolvido, sendo cordeaes as relações entre o Brazil e aquelle estado.

Teem-se effectuado em França numerosas, prisões, por virtude do caso de espionagem, revelando alguns soldados e marinheiros ao exercito allemão segredos da organização de defeza nacional de França.

A «Libre Parole» assevera estar Ulmo se correspondia com o contra-Almirante Siegel addido naval á embaixada allemã em Pariz.

Estrada

Vae principiar brevemente a reparação da estrada d'Ovar á Villa da Feira.

Exequias

Foram imponentes as exequias celebrador em Lisboa por alma de *Hintze Ribeiro*.

Arrematação

2.ª Publicação

No domingo 1.º de dezembro proximo, pelas 10 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta comarca e na execução hypothecaria que Manoel Gomes Laranjeira, casado, commerciante, da rua da Graça d'Ovar, move contra José Maria Ferreira Regalado e mulher Margarida Lopes, elle calafato e ella costureira, da rua de Baixo do logar de S. João d'Ovar, volta pela segunda vez á praça para ser arrematado por preço superior ao de metade da sua avaliação, visto não ter tido lançador na primeira praça que teve logar no dia 3 do corrente, como annunciavam os editaes passados

em 3 de outubro ultimo, o predio seguinte:

Um predio de casas terras com quintal, parte de poço e mais pertencas, entre as quaes se comprehende a servidão de pé e carro sobre o terreno ou quintal de Manoel Adelino, de natureza allodial sito na rua de Baixo do logar de S. João d'Ovar, avaliado em 200\$000 rs. mas vai á praça no valor de 100\$000 rs.

Para a arrematação são citados quasquer credores incertos.

Ovar, 6 de novembro de 1907.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Ignacio Monteiro

O Escrivão

Angelo Zagallo de Lima.

Arrematação

1.ª Publicação

No domingo 1.º de dezembro proximo, pelas 10 horas da manhã á porta do tribunal judicial d'esta comarca e no inventario orphanologico a que se procedeu por obito de José Ferreira Brandão e sua segunda mulher Anna Rodrigues,

tambem conhecida por Anna Pereira, que foram moradores na rua do Bajunco d'Ovar, e em que foi cabeça de casal a filha Maria Rodrigues Ferreira, casada, da mesma rua, ha-de ser posto em praça para ser arrematado por preço superior ao da avaliação, o predio abaixo declarado, que não teve commodadivisão nem os interessados concordaram na sua adjudicação.

Uma morada de casas terras com quintal, poço e mais pertencas, sito na rua do Bajunco d'Ovar, allodial, avaliada em 330\$000 réis.

Para a arrematação são citados quasquer credores incertos. As despezas da praça e de toda a contribuição de registro ficam a cargo do arrematante.

Ovar, 9 de novembro, de 1907.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito.

Ignacio Monteiro

O escrivão

Angelo Zagallo de Lima.

O maior premio eventualmente 600,000 Marcos.	Vem a Fortuna	Os premios garante o gover no
Primeiro sorteio em 19 Dezembro.		

Convite para tender á mão á

FORTUNA

na grande loteria de Hamburgo, garantida pelo governo, naqual

9 milhões 841,476 Marcos em ouro

hão de ser distribuidos com certeza.

Os premios principaes d'esta lotaria vantajosa são os seguintes: o maior premio no caso mais feliz é

de M. 600,000

1 Extrapremio de 300,000 M	1 premio de 40,000 M
1 " " 200,000 " "	1 " " 30,000 " "
1 " " 60,000 " "	7 " " 20,000 " "
1 " " 50,000 " "	1 " " 15,000 " "
1 " " 45,000 " "	11 " " 10,000 " "
1 " " 40,000 " "	46 " " 5,000 " "
1 " " 35,000 " "	103 " " 3,000 " "
1 " " 30,000 " "	163 " " 2,000 " "
1 " " 100,000 " "	539 " " 1,000 " "
1 " " 60,000 " "	693 " " 300 " "
1 " " 50,000 " "	181 " " 200 " "

Toda a loteria, que consta de 7 classes, tem 100,000 sortes e 48,405 premios com 8 Extrapremios, de maneira que a metade de todas as sortes ha de ser premiada.

Nos casos mais felizes importam os premios na 1ª classe 50,000 M., na 2ª classe 55,000 M, na 3ª classe 60,000 M, na 4ª classe 65,000 M., na 5ª classe 70,000 M, na 6ª classe 80,000 M., na 7ª classe 600,000 M.

Na primeira classe, cujo sorteio se dá em

19 de Dezembro

custa

um inteiro sorte original só M. 6.—ó Reis 1400
a metade de d'nma sorte original... só M. 3.—ó Reis 700
a quarta parte d'uma sorte original só M. 1.50 ó Reis 350

Os preços das sorteadas outras classes bem como a lista dos premios n'estas classes se monifestão do plano official da lotaria, com as armas do estado, aqual envio á demanda gratuitamente e franco.

Cada um dos meus freguezes recebe, o sorteio acabado, sem demora a lista official das sortes premiadas sem demanda especial.

O pagamento e a expedição dos premios

effectua-se por mim directa e devidamente e com descrição.

O mais simples é fazer pedidos acompanhados de um vale do correio, ou remetter bilhetes de banco portuguez em lettra registada, senão reembolso-me pelo valor.

Dirija-se com pedidos para o proximo sorteio com toda a confiança sem demora e antes de

19 Dezembro

á casa de

Samuel Heckscher senr.
Banqueiro em HAMBURGO

De Interesse universal

é o annuncio n'este numero do nosso jornal da casa Samuel Heckscher senr. de Hamburgo. Esta casa conseguiu metter-se em favor do povo pela maneira, com que faz os pagamentos dos premios com discrição, e chamamos a attenção de nossos leitores para este annuncio.

ADEGA DO LUZIO

Meu caro Luzio

Visto que, na 4.^a feira, não me quizéste vender vinho, por ser dia de descanso semanal para a classe dos taberneiros, pregueite a partida de não te FAZER VERSOS, d'esta vez.

Como sabes eu tambem sou filho de Deus; e por isso tambem preciso de DESCANÇO CEREBRAL SEMANAL.

Teu amigo

QUEM SABES:

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco, gero-pigas finas, aguardentes, azeite a preços convidativos.

Garante-se a pureza de todos os artigos

ANTONIO DA SILVA BRANDÃO JUNIOR

MERCEARIA PINHO & IRMÃO

-LARGO DA PRAÇA-

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possível aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender

Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONÇALVES

PORTO.

NUMERO TELEPHONICO, 737

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos



O GABÃO ELEGANTE

DE
AVEIRO

É e ha de ser sempre o agasalho mais conveniente e elegante contra o Frio, Vento e Chuva e o mais commodo para viagem. E se quereis o verdadeiro só o encontrareis na ALFAIATERIA DA MODA

de ABEL GUEDES DE PINHO

Largo da Praça n.º 46, 47 e 48

— OVAR —

Afaiate na tura da cidade de Aveiro, veio estabelecer-se em Ovar para poder fazer os Verdadeiros, antigos e elegantes GABÕES ou VARINOS AVEIRENSES mais baratos 2\$000 reis qual-quer outra casa AVEIRENSE.

E' elle o proprio, artista no genero, quem com toda a perfeição e esmero molha e corta todas as fazendas e não eintrega a alfaiates desconhecidos ao seu estabelecimento, como fazem todos os mercadores que trazem annunciado o GABÃO AVEIRENSE.

Lembra V. Ex.^a que não se illudam com esses reclamista, sem consciencia do que annunci- am, porque alguns até mandam fazer esses gabões a costureiras para os expor á venda no seu es- tabelecimento.

Eu responsabilizo-me pelo seu bom acabamento, para o que tenho pessoal competente- mente habitado, mas se por qualquer motivo o freguez não ficar satisfeito, torna-o a receber sem innemnisção alguma. Todo o gabão elva a marca da casa para evitar engan- os.

Tambem os faz a prestações s manaes de 500 reis.

Toma a responsabilidade por toda e qualquer obra sahida e execu- tada no seu estabelecimento tanto para homem como para creança. Forne- cem-se amostras de burel e todas as fazendas proprias para os mesmos GABÕES.

Preços varios em tamanhos e qualidades,

OFFICINA E ESTABELECIMENTO DE CALÇADO

DE

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina,

EXTRACTO DO CATALOGO

DAS
Obras á venda no BAZAR FENIANO
DE

ANTONIO DA SILVA SANTOS
264, RUA DO MOUSINHO DA SILVEIRA, 270—PORTO

Edições d'esta casa

Guia dos Namoradores (60 cartas em prosa)	200
Verdadeira significação dos sonhos	60
Rie das Montanhas ou a Fada da Fonte de Chrystal	60
O Castello d'Ouro, ou o Principe encantado	60
A Gatinha encantada ou os quarenta ladrões.	60
H historia dos dois compadres	60
Historia do Cura e Sacristão	60
Historia de Roberto do Diabo (verso)	60
Historia da Donzella Theodora (verso)	60
Historia do Barba Azul	60
Serenatas ao luar	60
Livro de S. Cypriano	200
A arte de namorar (prosa)	60
A Musa dos Namorados (verso)	60
Gato de Botas	60
Gata Borrallheira	60
Um abbade em calças pardas	60
As botas de sete leguas	60
Historia do Feiticeiro de Bronze	60
Historia da Massaroca d'Anastacio	60
Historia de Bernabé Pisa Mansinho	60
Historia da Princeza Clotilde	60
O abbade da Ramaldeira	60
Os amores de Laurinha	60
O Jardim Infernal	60
João de Calais (verso)	60
A Mariquinhas padeira	60
Carlos Magno (versos)	60
A Burrinha magica	60
A B C dos namorados	60
Princesa Magalona (verso)	60
Imperatriz Porcina (verso)	60
Bertoldinho (verso)	60
A formosa Mathildinha	60
Historia da encantadora Mercedes	60